

vista da exposição - galeria nara roesler | rio de janeiro, 2017











da esquerda para direita

caixa 337 d, 2017
óleo sobre madeira
38 x 23 x 7 cm

caixa 339 d, 2017
óleo sobre madeira
38 x 23 x 7 cm

caixa 338 d, 2017
óleo sobre madeira
38 x 23 x 7 cm

imagem da capa

caixa 336 d, 2017
óleo sobre madeira
38 x 23 x 7 cm

caixa 340 d, 2017
óleo sobre madeira
38 x 23 x 7 cm



terceiro fundo, 2016
óleo sobre madeira
53 x 29 x 17 cm



da esquerda para direita

vermelho dante, 2016
óleo sobre tela
30 x 20 cm

amarelo drama, 2016
óleo sobre tela
30 x 20 cm

cinza e prata, 2016
óleo sobre tela
30 x 20 cm



da esquerda para direita

escuro luminoso, 2017
óleo sobre tela
30 x 20 cm

fiu terra b, 2017
óleo sobre tela
30 x 20 cm

magentinha, 2016
óleo sobre tela
30 x 20 cm



da esquerda para direita

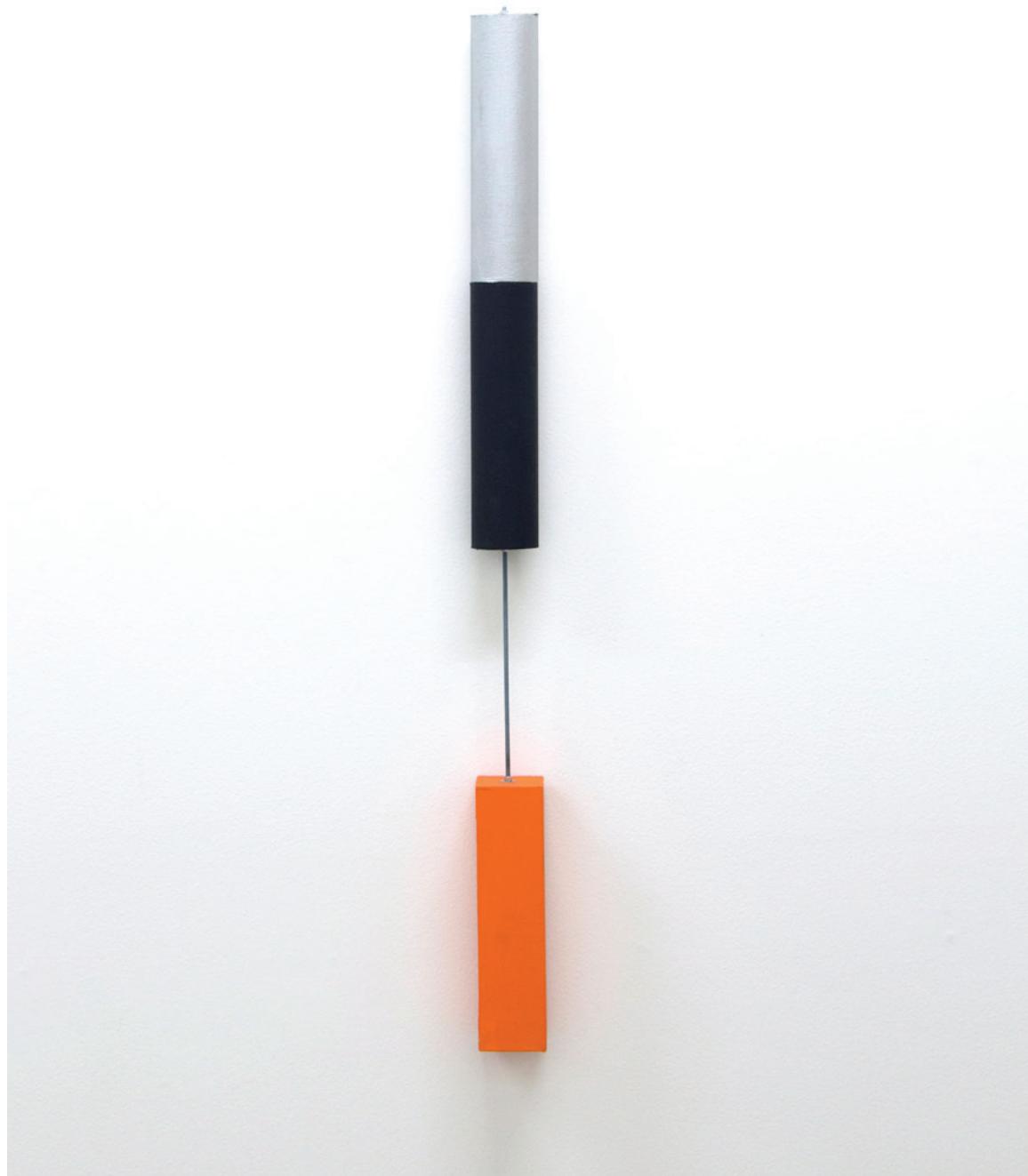
roxo sobre vermelho, 2014
óleo sobre tela
30 x 20 cm

vermelho da china, 2017
óleo sobre tela
30 x 20 cm

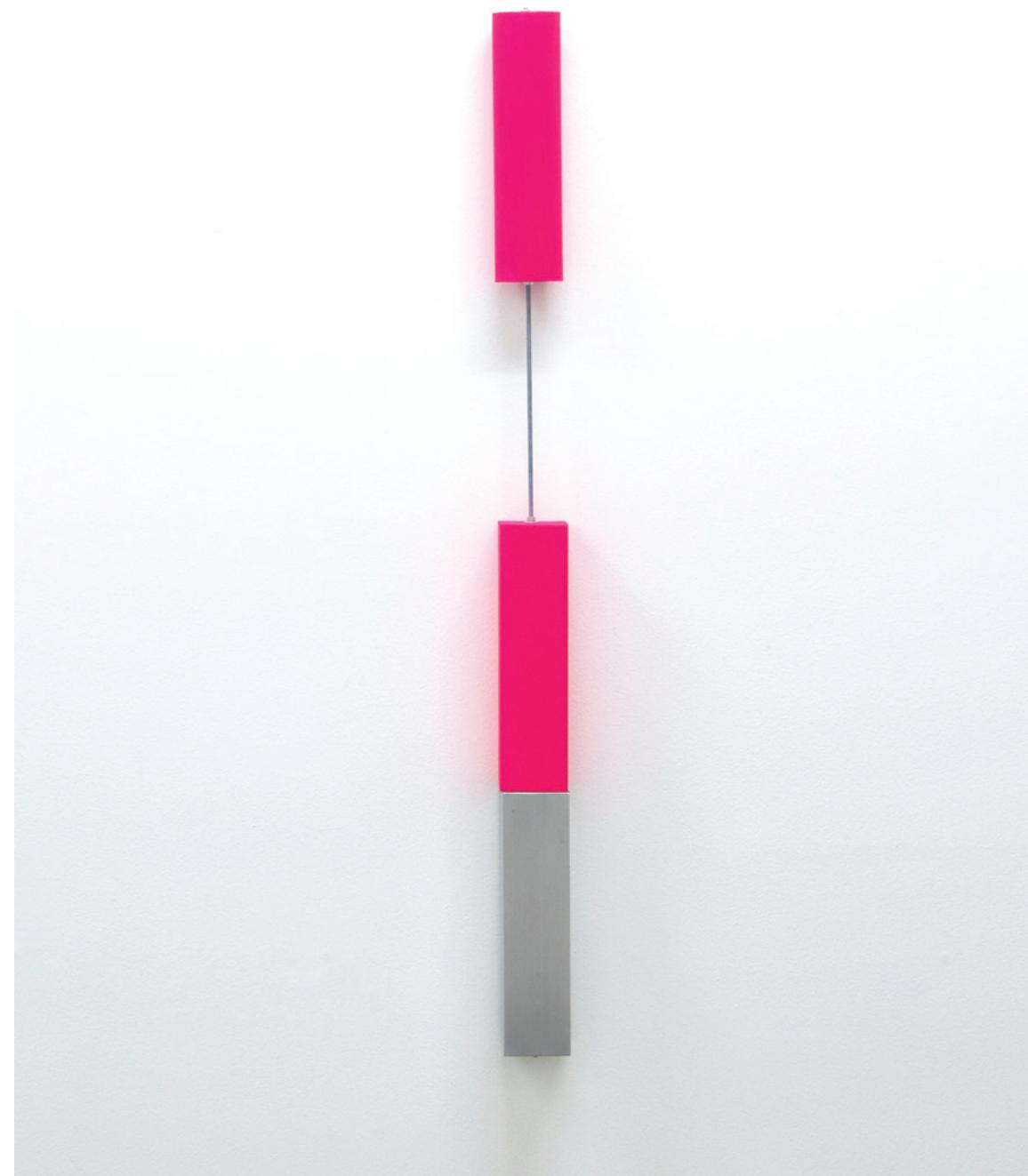
azul, 2015
óleo sobre tela
30 x 20 cm



pontalete # 25, 2016
óleo sobre tela colada sobre alumínio e madeira e
tubo de alumínio
160 x 200 cm



tijolo, 2017
óleo sobre tela, alumínio e cabo de aço
100 x 6,8 x 6,8 cm



tijolo, 2017
óleo sobre tela, alumínio e cabo de aço
100 x 6,8 x 6,8 cm



tijolinho, 2013
óleo sobre tela sobre madeira
18,4 x 23,5 x 8 cm

Pintura com ar, sombra e espaço

Nesta exposição, Sérgio Sister junta partes de sua produção que vinham sendo apresentadas de forma segmentada até há uns poucos anos.

Assim, tirando os trabalhos em papel, desta vez ausentes, aqui estão tanto as pinturas bidimensionais, em telas, quanto as pinturas, digamos, tridimensionais, expostas às relações com o espaço, a sombra, e o ar.

Mas sempre é a cor que vem primeiro. Porque ele é um artista do campo de cor. Sua pintura bidimensional molda espaços abstratos associando camadas de tinta e pinceladas sobre um plano. Faz com que uma combinação de cores próximas, se torne heterogênea e variada. Assim, um plano monocromático – como muitos desta exposição – pode mostrar inúmeras variações. Não lhe interessa a percepção imediata da diferença entre as coisas. O contraste acontece entre elementos similares. Ele aparece de maneira meditativa. Nos faz ver o que era monótono como variegado. Isso é conquistado de maneira sutil. Sister pinta passagens delicadas de matiz e luz.

Difícilmente, usa contrastes violentos, cores puras, tal como elas saem do tubo. As cores parecem se transformar, ganhar diferenciações luminosas. Ele usa a cera para reforçar uma feição heterogênea a um colorido pouco variado. Misturada à tinta, ela evidencia as marcas de pincelada, torna o material da pintura mais sólido e opaco. Muitas vezes a cor também vem misturada com pigmentos metálicos. Eles trazem uma aparência levemente bruxuleante ao plano, enfatizando as diversas direções por onde o pincel se moveu. Assim, mesmo cores ordinárias, alaranjados comuns, amarelos vibrantes, ganham a complexidade de cores que não têm nome.

Fazia tempo que as pinturas bidimensionais não tinham um papel tão importante em uma exposição de Sérgio Sister nesta “Ordem desunida”. Vale lembrar que parte significativa de seu empenho se voltou a criação de trabalhos tridimensionais e relevos que levam as questões de sua pintura para o espaço comum. Daí surgiram séries como *Ripas*, *Pontaletes*, *Caixas* e *Tijolos*. Muito diferentes entre si, esses trabalhos com aparência de objeto estão muito presentes na exposição, mas a novidade agora parece estar na convivência com as telas. As novidades são realçadas pelo fato de que essas pinturas estarem sendo mostradas lado a lado com os objetos. Vemos relações de colorido afins e, sobretudo, uma interlocução menos frontal com o objeto. O que acontece nas laterais das pinturas é tão importante quanto no tridimensional.

No entanto, o que mais salta aos olhos é o uso que essas pinturas fazem dos intervalos. Isso foi aprendido com as esculturas e objetos. Nas ripas e caixas, a junção de uma tábuia e outra é interrompida por uma fissura, por uma fratura, por um intervalo. Alguma coisa parece acontecer entre um pedaço e outro de cor que torna a relação entre esses elementos mais indeterminado.

Nesta exposição, o artista traz três grupos novos de pintura. São séries de trabalhos que repetem alguns procedimentos. Há quadros pequenos e quase monocromáticos e um

grande díptico com duas cores dominantes. Embora sejam muito diferentes uns dos outros, em todos eles essa ideia de intervalo, vinda do trabalho tridimensional é importante.

Nunca a superfície é totalmente preenchida pelo elemento principal da pintura. Nas pequenas telas quase monocromáticas, a camada dominante de tinta não cobre toda a extensão da superfície. Vemos outras camadas, outras formas de pintura atuarem por detrás do primeiro plano. O número de elementos cresce e uma ordenação que poderia ser atribuída ao quadro ganha complexidade.

No díptico, essa relação é mais evidente. São duas telas grandes cobertas quase que inteiramente por uma cor. Por exemplo, em um deles, uma tela predominantemente azul é colocada a três centímetros de outra quase toda alaranjada. O campo de cor de cada uma é construído com pinceladas gestuais, repetitivas e ritmadas. Em cada tela, as marcas do pincel se mostram muito diferentes. As cores são muito diferentes. Algumas são elaboradas, feitas com combinações originais de pigmentos, outras são vulgares, cores, ainda que alteradas, aparentadas com a paleta da indústria e da produção mais kitsch.

Por debaixo da tinta que domina a superfície, aparece a cor que está na tela vizinha. Como se uma cor tivesse ido de um lado a outro. Uma cor poderia estar a se expandir enquanto a outra estivesse a se contrair, o oposto também poderia estar a acontecer, bem como ambas estarem em retração, perdendo o vigor. Na verdade, pouco importa. O importante aqui é que a dinâmica da pintura de Sister, que já era detalhista, por exemplo, nos seus monocromos dos anos oitenta e noventa, ganha outras novas variáveis. Assim, vemos cores nas laterais que não são nem a que domina o monocromo da direita e da esquerda. A visão dos limites das cores, do que aparece encoberto, é tão importante como o modo como a cor se comporta na superfície.

Tanto no díptico quanto nas pequenas telas, as obras parecem articular acontecimentos interrompidos, cindidos, articulados de uma maneira complexa. A pintura forma uma unidade de fenômenos desarticulados, tal como vemos em Degas e Seurat. Assim, a mancha lilás que aparece apenas na lateral da tela, parece tão importante quanto o vermelho que cobre a extensão da superfície. Tudo parece ter peso nessas pinturas.

De maneira brilhante, Sérgio Sister sugere uma relação menos hostil com o olhar. Nada é identificável de primeira. As relações se mostram mais complicadas. O artista procura uma forma de materiais delicados conviverem de maneira civil apesar de divergências insuperáveis. Faz isso sem apaziguá-los, sem homogeneizá-los. No clima de aspereza e pouca racionalidade da sociedade no Brasil e no mundo isso talvez seja tudo o que precise ser demandado.

Tiago Mesquista

sobre **Sérgio Sister**

Sérgio Sister (n. 1948, São Paulo, Brasil) vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Sérgio é mais conhecido pelas vigas de madeira que utiliza para criar pinturas esculturais que lembram caixotes, pórticos ou molduras de janela. O artista pinta as vigas de diversas cores, as envolve em tela e as organiza em configurações que possibilitam o surgimento de diferentes profundidades, sombras e experiências de cor. “Meu objetivo era permitir que o espaço e o ar operassem com e na relação entre as cores”, afirma. A prática de Sérgio eleva a pintura de campos de cor à tridimensionalidade, recontextualizando conceitos clássicos da tela enquanto janela. Em seus trabalhos mais recentes, o artista une pintura e escultura, empregando suportes derivados de estruturas encontradas e sistemas criados para atender a nossas necessidades cotidianas. Suas *Caixas*, *Ripas* e *Pontaletes* apropriam-se dos nomes dos produtos manufaturados dos quais se originam. A obra de Sérgio remete à tradição minimalista norte-americana e ao movimento neoconcretista brasileiro da década de 1960. Enquanto representante da Geração 80, Sérgio revisita um tema ancestral da pintura: a interação entre superfície e tridimensionalidade, numa tentativa de libertar a pintura no espaço. A sobreposição de camadas cromáticas marca sua produção, na qual campos cromáticos distintos coexistem harmoniosamente sem perder sua autonomia.

